

Hábitos alimentares não saudáveis adotados por escolares cearenses

Lucas Dias Soares Machado¹, Pedro Lucas Ferreira Mota²

¹ Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Da Paraíba – IFPB; ² Universidade Regional Do Cariri – URCA;

INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivenciado um período de transição alimentar e nutricional, caracterizado, dentre outros, pela adoção de hábitos alimentares não saudáveis entre adolescentes, tais como o consumo de alimentos ultraprocessados, como biscoitos recheados, salgadinhos de pacote e refrigerantes, entre outros.

OBJETIVOS

Analisar os hábitos alimentares não saudáveis adotados por escolares cearenses.

MÉTODO

Trata-se de estudo transversal, que utilizou microdados da dimensão Alimentação da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, edição 2019. Os dados foram organizados no Excel e analisados quanto frequência absoluta e relativa e teste qui-quadrado de independência, para verificar associações entre as hábitos alimentares não saudáveis e variáveis sociodemográficas e escolares, operacionalizados no SPSS versão 25.

RESULTADOS

Participaram 5501 escolares do Ceará, sendo majoritário estudantes do sexo feminino (51,2%; 2818), com idade entre 13 e 15 anos de idade (47,9%; 2721) e de raça parda (50,5%; 2867). A maioria estava cursando o 9º ano do ensino fundamental (19,2%; 1089), em escolas privadas (51,8%; 2849) e localizadas na zona urbana (93,2%; 5125). Sobre os hábitos alimentares, 50,3% (2768) relatou que costuma comer fazendo outra coisa, como assistir tv e mexer no celular, todos os dias; 37,2% (2048) pula o café da manhã ao menos uma vez na semana; e 42,4% (2332) não almoça ou janta com os pais ou responsáveis ao menos uma vez na semana. Identificou-se maior frequência no consumo de biscoito/bolacha doce, como biscoito recheado (53,5%; 2943); salgadinho de pacote ou biscoito/bolacha salgado (53,4%; 2935); e refrigerante (40,2%; 2209). 8% dos escolares que relatou consumir refrigerante fez esse consumo todos os dias (439). Cerca de 55,3% (2457) comeu em lanchonetes, pizzarias ou fast foods. Identificou-se significância estatística nas relações entre localização urbana da escola e consumo de refrigerante ($\chi^2(2)=28,701$; $p<0,001$), de salgadinho de pacote ou biscoito/bolacha salgado ($\chi^2(2)=19,692$; $p<0,001$) e de biscoito ou bolacha doce ($\chi^2(2)=16,433$; $p<0,001$); entre a dependência administrativa de escola pública e consumo de salgadinho de pacote ou biscoito/bolacha salgado/a ($\chi^2(2)=30,073$; $p<0,001$) e biscoito ou bolacha doce ($\chi^2(2)=12,825$; $p<0,001$).

DISCUSSÃO

Os hábitos alimentares saudáveis constituem fator de proteção à doenças, em especial as crônicas não transmissíveis. Estudo semelhante observou um consumo de biscoitos recheados quatro vezes maior entre adolescentes quando em comparação com adultos, assim como um consumo de refrigerante duas vezes maior (MONTEIRO et al., 2020).

Assim, elucida-se a relevância de analisar os hábitos alimentares não saudáveis tanto quanto os saudáveis, estabelecendo relações entre esses e as características sociodemográficas e econômicas dos escolares. Parte das mudanças alimentares observadas na demarcação da transição nutricional brasileira deve-se a globalização, envolvendo agressivas técnicas de marketing voltadas ao consumo de alimentos não saudáveis. Estudo sobre a veiculação de

propaganda sobre alimentos na televisão reconheceu a predominância de alimentos com alto teor de gorduras e/ou açúcar ou sal (NEUTZLING et al., 2010).

CONCLUSÃO

Reconhece-se a necessidade de intervenções sobre os hábitos alimentares de escolares cearenses, sobretudo considerando as particularidades escolares como localização e dependência administrativa.

REFERÊNCIAS

- MONTEIRO, L.Z.; VARELA, A.R.; SOUZA, P.; MANIÇOBA, A.C.M.; BRAGA JÚNIOR, F.B. Hábitos alimentares, atividade física e comportamento sedentário entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015.
- NEUTZLING, M.B.; ASSUNÇÃO, M.C.F.; MALCON, M.C.; HALLAL, P.C.;
- MENEZES, A.M.B. Hábitos alimentares de escolares adolescentes de Pelotas, Brasil. Rev. Nutr. v.23, n 3, 379-388, 2010